

Resenha

Fronteiras e águas transfronteiriças na Bacia do Prata

Pedro César Nogueira Marques

BARBOSA, Flávia Darre; RIBEIRO, Wagner Costa. *Fronteiras e águas transfronteiriças na Bacia do Prata*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP), 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/9788575064740>. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1151>.



“Na Bacia do Prata, não é preciso criar novas instituições. Basta reorganizar as existentes e dotá-las de diretrizes públicas, que devem ser elaboradas com mais participação popular e de universidades dos países que a integram” (Ribeiro, 2023, p. 10).

Este trecho, presente no capítulo introdutório “Bacia do Prata: fronteiras e conflitos”, de Wagner Costa Ribeiro, que abre a coletânea *Fronteiras e águas transfronteiriças na Bacia do Prata*, organizada por Flávia Darre Barbosa e Wagner Costa Ribeiro, é uma síntese completa das discussões presentes na obra. Debruçando-se sobre diversos assuntos relacionados à Geografia Política dentro da Bacia do Prata, a obra é o resultado de uma série de pesquisas realizadas no Laboratório de Geografia Política (GEOPO) da Universidade de São Paulo (USP), sob a linha Geografia Política, Planejamento e Recursos Naturais, espaço coordenado pelo já citado organizador do livro.

Visando não apenas reconhecer a Bacia do Prata como um corpo d’água transfronteiriço de extrema importância no âmbito sul-americano, ao longo de

seus nove capítulos, a obra resgata as particularidades da mesma em diferentes escalas territoriais. As temáticas analisadas são: Gestão de águas transfronteiriças, educação ambiental, políticas territoriais de integração, geração de energia, crise hídrica, mudanças climáticas, soberania nacional, conflitos pelo uso da água e formação territorial.

Ainda que a Bacia do Prata seja um objeto de pesquisa bastante abrangente, a organização da obra é cuidadosa a ponto de evitar repetições excessivas ao longo de seus capítulos. É notável a capacidade de cada trabalho em resguardar e desenvolver a sua temática de forma independente, sem remeter sempre a aspectos já apresentados ou discutidos anteriormente, ainda que todos mantenham um objeto de pesquisa em comum.

Outro ponto a se destacar são as boas referências que a obra apresenta, mesmo o foco sendo a Bacia do Prata, a quantidade de informações disponibilizadas, representam abordagens metodológicas para os estudos de outras bacias pelo mundo, já que, como apontado no próprio livro, existem 310 bacias hidro-

gráficas transfronteiriças no mundo, onde aproximadamente vivem 2,8 bilhões de pessoas (Oregon State University, 2022).

Consciente da importância fundamental que as instituições possuem, a obra apresenta o Comitê Intergovernamental Coordenador dos Países da Bacia do Prata (CIC), como o grande ator no processo de gestão transfronteiriça dos recursos hídricos entre os cinco países compreendidos pela extensão da bacia: Brasil, Paraguai, Argentina, Bolívia e Uruguai. Além de detalhar a atuação do CIC nos processos de uso equitativo dos recursos hídricos compartilhados e centralizar as normas para práticas de sustentabilidade, é perceptível uma série de críticas pertinentes à atuação da instituição. Por um lado, podemos apontar as assimetrias governamentais que dificultam a harmonização dos processos de gestão, por outro, temos um enfraquecimento da instituição no que diz respeito a se aproximar das escalas mais locais e dos usuários do recurso hídrico.

Como já foi apontado anteriormente, a obra está dividida em uma cole-

tânea de nove artigos. Embora cada trabalho trate de temáticas diferentes dentro da Bacia do Prata, os mesmos podem funcionar como uma espécie de linha do tempo detalhada para se explicar a importância da bacia hidrográfica. Para isso, podemos agrupar os trabalhos em três grupos de três artigos cada.

O primeiro grupo estaria concentrado na formação territorial dos países que compõe a bacia e no reconhecimento dos potenciais hidrelétricos e de abastecimento que a mesma possui. O segundo grupo concentra as análises sobre a gestão do recurso hídrico transfronteiriço, passando por discussões como educação ambiental, soberania nacional e integração. E o terceiro e último grupo estaria voltado para as políticas territoriais e suas atribuições, conflitos pelo uso da água e segurança hídrica.

No primeiro capítulo, escrito por Luís Paulo Batista da Silva, o principal foco está na formação territorial dos países que compõem a Bacia do Prata onde os cursos d'água adquiriram uma importância fundamental na delimitação dos territórios e fronteiras, onde também a

água passou a compor as primeiras possibilidades de uso para fomento do desenvolvimento econômico seja através da navegação fluvial ou do potencial hidrelétrico da bacia. Devemos destacar ainda o grande peso diplomático que a navegação fluvial na Bacia do Prata esteve envolvida, situação somente superada após uma série de conflitos entre as províncias argentinas, a República do Uruguai e o Império do Brasil, além de países europeus como França e Inglaterra, eventos que foram um marco para o início da guerra do Paraguai.

Em seguida, com o potencial hidrelétrico da Bacia do Prata já reconhecido e estabelecido, o capítulo dois discorre sobre o nexos água-energia, apresentando discussões sobre a interdependência entre os setores hídricos e energéticos na bacia hidrográfica. Desenvolvido por Fernanda Mello Sant'Anna e Pillar Carolina Villar, o enfoque do capítulo está debruçado no contexto de que o nexos água-energia está moldado em uma economia mais sustentável, logo se faz necessário investigar se as organizações estabelecidas na bacia estão de acordo com essas

diretrizes, que são responsáveis ainda por resolver eventuais conflitos e fortalecer ações para adaptar as atividades das usinas hidrelétricas as mudanças climáticas.

No terceiro capítulo, de autoria de Maria Luísa Telarolli de Almeida Leite, é abordada a importância dos aquíferos transfronteiriços, especificamente o sistema Aquífero Guarani, e seus estudos e projetos ainda em fase de desenvolvimento para conhecimento, gestão e proteção do corpo hídrico. Destacam-se os desafios que ainda carecem de efetividade no processo de gestão do aquífero, principalmente no âmbito transfronteiriço, algo facilmente notável devido ao baixo número de projetos formais dedicados especificamente aos aquíferos, onde o Aquífero Guarani é a única exceção à regra.

O quarto capítulo, escrito por Fabiana Pegoraro Soares, traz uma reflexão sobre a importância da educação ambiental como capacitação aos processos de gestão do recurso hídrico em toda a Bacia do Prata, onde inicialmente temos um resgate histórico em relação ao reconhe-

cimento da importância da água ao longo das conferências internacionais. Tal reconhecimento mostrou a necessidade de uma educação ambiental e hídrica, especialmente em países em desenvolvimento. No caso específico da Bacia do Prata, é apontada ainda a dificuldade de se implementar uma capacitação para um corpo hídrico transfronteiriço dividido entre 5 países, necessitando diretamente de uma cooperação internacional e amplo envolvimento de todos os Estados. Portanto, é necessária a criação de novos projetos e o fortalecimento dos já existentes para estimular uma mudança rumo à sustentabilidade.

O capítulo número cinco, de autoria de Flávia Darre Barbosa, traz uma importante análise sobre os conceitos de soberania e governança da água dentro da Bacia do Rio Paraguai, uma vez que a mesma está compreendida entre os territórios de Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina. A começar pela conceituação de cada um dos termos trabalhados, é mostrado o quanto ambos foram sendo introduzidos nas agendas internacionais, vale apontar a crítica sobre a água ser vista

em todas essas conceituações apenas como valor econômico, como um processo que no fim, busca apenas a privatização da mesma. É discutido ainda as ideias de soberania, onde o Estado é reconhecido como o ator principal dentro do território e possui o controle sobre os recursos que nele estão. As ainda grandes assimetrias entre os Estados sul-americanos em relação à gestão hídrica ainda permanecem com um embrolho na busca pelo desenvolvimento de uma gestão cada vez mais integrada.

A cooperação transfronteiriça é o tema do capítulo seis, desenvolvido por Mayara Pecora de Araújo Vieira, tendo como recorte a gestão dos recursos nos parques nacionais de Iguazu (lado brasileiro) e *Iguazú* (lado argentino). A relação com o capítulo anterior está inserida na discussão de duas soberanias distintas, presentes em uma mesma região de fronteira entre Estados, soma-se ainda os territórios serem de extrema importância pela sua abundância de biodiversidade e recursos hídricos, fundamentais para o desenvolvimento da região. Logo, o capítulo está envolvido nas legislações

de cada país em relação à gestão de áreas de conservação ambiental e bacias hidrográficas para identificar os caminhos tomados para uma gestão integrada entre os dois parques nacionais e incentivar o seu desenvolvimento.

No capítulo sete, os conflitos hídricos agrários são analisados especificamente na Bacia do Quaraí (fronteira entre Brasil e Uruguai). Henrique Castro Barbosa discute mais um caso em que o fortalecimento da cooperação internacional representa um avanço importante na resolução de conflitos por água, temos o programa Marco do CIC, um projeto que visa criar projetos binacionais e engajar a população dos dois lados da fronteira na resolução de eventuais disputas e desafios. Um recorte específico é o projeto Trabalhadores do Rio Cuareim/Quaraí, um projeto criado para mediar o diálogo populacional entre os dois países e suas demandas, o que indiscutivelmente representa um avanço importante dentro da gestão da Bacia do Quaraí, mas que evidencia a necessidade de mais vozes serem trazidas para dentro dos processos decisórios do corpo hídrico.

No oitavo capítulo, escrito por Carolina Micheli Tomaz Pereira, temos uma importante discussão a respeito da Hidrovia Paraguai-Paraná e sua importância dentro da Bacia do Prata. A análise passa por toda a institucionalização da hidrovia e suas fragilidades. A crítica aqui está voltada à baixa atuação do CIC frente aos Estados Nacionais que centralizam as decisões em relação à hidrovia, estando a mesma já prejudicada pelos danos ambientais como as secas extremas que assolam o continente sul-americano.

Por fim, o capítulo nove, de autoria de Isabela Battistello Espindola e Wagner Costa Ribeiro, nos apresenta a relação entre a gestão de águas transfronteiriças e as mudanças climáticas que assolam o planeta, além dos desafios que essas mudanças representam para a segurança hídrica da Bacia do Prata. Deve-se destacar o caminho político que a gestão transfronteiriça percorre, desde tratados, protocolos e acordos bilaterais. Segundo os autores, existe uma escassez hídrica cada vez mais agravada pelas mudanças climáticas e pela infraestrutura de distribuição precária que pode gerar ainda mais con-

flitos. Para evitar que as tensões em torno do recurso hídrico aumentem ainda mais, a prioridade deve ser o abastecimento humano.

Fronteiras e águas transfronteiriças na Bacia do Prata se mostra uma obra importante para aproximar o leitor das muitas realidades da bacia hidrográfica. O campo da Geografia Política oferece uma gama bastante grande de temas que, nesse caso, estão atrelados a uma bacia já bastante plural. Nesse aspecto, seria impossível abarcar tantas temáticas em uma mesma coletânea de artigos. No entanto, a obra cumpre com êxito a sua proposta ao leitor de construção de análises sobre as muitas realidades da Bacia do Prata, seja em relação aos seus muitos

conflitos, as suas dificuldades de fortalecimento de suas instituições frente aos governos centrais, ou a sua extrema importância hídrica e energética dentro da América do Sul, a conclusão é sempre a de que é necessário fortalecer as instituições da Bacia do Prata.

Ao final da leitura, temos uma coletânea que se desdobra para o leitor como um feixe de possibilidades, estimulando bastante as nossas reflexões acerca de novas intervenções que poderiam ser realizadas junto aos processos de gestão da bacia hidrográfica. Nesse sentido, a obra pode muito bem servir como ponto de partida para novas pesquisas e novas abordagens na Bacia do Prata.

Referências

OREGON STATE UNIVERSITY. **Program in Water Conflict Management and Transformation.** [S.l, s.n], 2022.

RIBEIRO, Wagner Costa. Bacia do Prata: fronteiras e conflitos. In: BARBOSA, Flávia Darre; RIBEIRO, Wagner Costa (orgs.): *Fronteiras e águas transfronteiriças na Bacia do*

Prata. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023. DOI: <<https://doi.org/10.11606/9788575064740>>. Disponível em: <<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1151>>. Acesso em 03/07/2024.

Pedro César Nogueira Marques é doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). **E-mail:** pedroc@usp.br.